

FIGURAÇÕES LÉSBICAS NO CINEMA BRASILEIRO

Ramayana Lira de Sousa¹ (Dr.); Marina Silva Guimarães Pavanate²; Andresa Moreira Mendes³; Victória Miranda Feliciano Farias⁴; Rebeca Lombardo Garces⁵; Poliana Joaquim Polla⁶; Carlos Roberto de Paiva Junior⁷; Laryssa Lima da Rosa⁸

Resumo

A pesquisa analisou figurações lésbicas emergentes no cinema brasileiro contemporâneo de curta-metragem, buscando compreender como novas formas de visibilidade e afeto se constroem nas imagens. Inspirada na abordagem figurativa de Nicole Brenez (1998), a investigação realizou sessões coletivas de visionamento e descrição minuciosa de três filmes produzidos entre 2018 e 2021 — Uma paciência selvagem me trouxe até aqui, Minha história é outra e À beira do planeta mainha soprou a gente. As análises identificaram três figurações recorrentes da lesbianidade: a passagem transgeracional, o corpo de comunidade e a fabulação de si. Os resultados indicam que tais formas desviam das representações normativas ao enfatizar vínculos afetivos, memórias coletivas e invenções poéticas de subjetividade, revelando uma virada sensível na visibilidade lésbica no cinema brasileiro recente.

Palavras-chave: cinema brasileiro, lesbianidade, figuração

Introdução

A representação de mulheres lésbicas no cinema brasileiro historicamente oscilou entre a invisibilidade e a exotização, marcada por olhares heteronormativos e narrativas de sofrimento. Contudo, produções recentes realizadas por cineastas lésbicas e dissidentes vêm propondo imagens ancoradas em modos de estar e de sentir que escapam às convenções identitárias, mobilizando afetos, espacialidades e temporalidades próprias. Partindo da noção de ‘figura’ formulada por Brenez (1998) — compreendida como força expressiva condensadora de tensões históricas e afetivas —, o

¹ Professora do Programa de Pos-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), ramayana.sousa@ulife.com.br

² Acadêmica de Psicologia, marininhasil@hotmail.com

³ Acadêmica de Psicologia, andreszamendes544@gmail.com

⁴ Acadêmica de Psicologia, victoriamirandaff@gmail.com

⁵ Acadêmica de Direito, rebecagarceslombardo@gmail.com

⁶ Acadêmica de Direito, polianapolla@hotmail.com

⁷ Acadêmico de Direito, goncalves.kcandido@gmail.com

⁸ Acadêmica de Direito, laryssalimarosa83@gmail.com

estudo articula essa perspectiva a contribuições de Sara Ahmed (2004; 2017) e Audre Lorde (1984), compreendendo a lesbianidade como orientação relacional e potência criativa. O objetivo central consistiu em mapear e descrever figurações lésbicas emergentes no curta-metragem brasileiro contemporâneo, examinando de que modo essas imagens elaboram formas alternativas de existência, memória e imaginação coletiva.

Métodos

A pesquisa adotou um método de análise fílmica de inspiração figurativa, fundamentado em sessões coletivas de visionamento e descrição detalhada das imagens. Foram selecionados três curtas-metragens brasileiros contemporâneos com personagens lésbicas: *Uma paciência selvagem me trouxe até aqui* (Eri Sarmet, 2021), *Minha história é outra* (Mariana Campos, 2018) e *À beira do planeta mainha soprou a gente* (Bruna Barros e Bruna Castro, 2020). Cada filme foi assistido em grupo, com registro descritivo das cenas e reavaliações sucessivas voltadas à identificação de gestos, regimes de afeto e formas de enunciação. As observações foram sistematizadas em eixos comparativos, permitindo a formulação de três figurações predominantes. O processo metodológico compreendeu o ato coletivo de ver como prática analítica compartilhada, em sintonia com a ideia de Donna Haraway (2009) de que o conhecimento é sempre situado e co-produzido.

Resultados e Discussões

Os resultados revelaram três figurações recorrentes da lesbianidade no cinema brasileiro contemporâneo. A primeira é a passagem transgeracional, observada em *Uma paciência selvagem me trouxe até aqui*, onde o vínculo entre mulheres de diferentes gerações instaura uma temporalidade afetiva e inventiva, ecoando a noção de ancestralidade queer proposta por Audre Lorde. A segunda é o corpo de comunidade, presente em *Minha história é outra*, em que a lesbianidade se configura como forma de convivência e resistência coletiva, aproximando-se da política do 'estar junto' de Ahmed (2017). Por fim, a fabulação de si, identificada

em À beira do planeta mainha soprou a gente, expressa a criação de subjetividades por meio da narração de si, alinhando-se à concepção de ficção especulativa como método em Haraway (2016). Essas figurações subvertem representações normativas ao deslocar o foco da identidade fixa para modos relacionais e poéticos de existência.

Conclusões

Conclui-se que os curtas analisados elaboram uma virada sensível na representação lésbica no cinema brasileiro, deslocando o olhar da marginalização para o reconhecimento de afetos, comunidades e fabulações de subjetividade. Ao construir imagens pautadas na invenção e na partilha, essas obras expandem as possibilidades de visibilidade e existência nas telas, reafirmando o cinema como espaço de criação de mundos e de enunciação coletiva.

Referências

AHMED, Sara. **Living a Feminist Life**. Durham: Duke University Press, 2017.
BRENEZ, Nicole. **De la figure en général et du corps en particulier**. Paris: De l'Incidence, 1998.
HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue e outros ensaios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
LORDE, Audre. **Sister Outsider**. New York: Crossing Press, 1984.

Fomento

Esta pesquisa contou com bolsas do Programa UNIEDU do Governo do Estado de Santa Catarina.